



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPAC
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA INGLESA**

LAURA VICTÓRIA GOULART BARBOSA

**A CONVERGÊNCIA DO DESESPERO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DOS
POEMAS DE AUGUSTO DOS ANJOS À LUZ DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA**

LAGES – SC

2024

LAURA VICTÓRIA GOULART BARBOSA

**A CONVERGÊNCIA DO DESESPERO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DOS
POEMAS DE AUGUSTO DOS ANJOS À LUZ DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense – Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Orientadora: Profa. Ma. Vanessa Goulart Branco

LAGES – SC

2024

LAURA VICTÓRIA GOULART BARBOSA

**A CONVERGÊNCIA DO DESESPERO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DOS
POEMAS DE AUGUSTO DOS ANJOS À LUZ DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

() Aprovado () Reprovado Nota: _____

Lages, _____ de _____ de 2024.

Banca examinadora:

Orientadora Profa. Ma. Vanessa Goulart Branco

Prof. Me. Carlos Eduardo Canani

Prof. Ma. Katia Marlowa Ferreira Pessoa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, cujo amor e amparo tornaram possível cada passo dado nesta jornada acadêmica; suas palavras de encorajamento são a luz que guia meu caminho.

Aos meus colegas de estudo, que compartilharam comigo desafios e triunfos ao longo deste percurso.

E, acima de tudo, dedico este trabalho à minha namorada Stephanie, cujo amor, compreensão e paciência foram o alicerce que sustentou cada página escrita; seu apoio constante e sua presença ao meu lado tornaram tudo mais significativo.

Que este trabalho possa refletir não apenas o meu esforço individual, mas também a gratidão profunda que sinto por cada um de vocês.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos aos professores que compartilharam seus conhecimentos e experiências ao longo deste caminho acadêmico; suas orientações foram fundamentais para o meu crescimento intelectual e profissional.

Em especial, desejo agradecer à minha orientadora, Vanessa Goulart Branco, pela sua dedicação, paciência e orientação constante ao longo da elaboração deste trabalho; suas sugestões assertivas e apoio incansável foram indispensáveis para a conclusão deste trabalho monográfico.

Cada um contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, agradeço profundamente pela confiança, incentivo e ensinamentos que levarei comigo ao longo da minha carreira.

"É preciso ter um caos dentro de si para dar à luz a uma estrela cintilante".

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Este trabalho monográfico estabeleceu um paralelo entre a filosofia existencialista de Sartre e os poemas de Augusto dos Anjos, utilizando a semântica para explorar a mentalidade do "Poeta da Morte". Desse modo, focamos em quatro poemas específicos: "O Morcego", "Versos Íntimos", "Solitário" e "Psicologia de um Vencido", os quais capturaram os anseios e angústias do autor. Investigamos, brevemente, o contexto histórico, literário, filosófico e semântico, para refletir sobre questões fundamentais como a vida, a morte e a ausência de sentido na existência humana, características centrais da filosofia existencialista do século XX. Concluímos, portanto, que esta análise não apenas destacou a interconexão entre diferentes áreas de estudo, enriquecendo o discurso, mas também fundamentou as ideias por trás de um jovem poeta brasileiro que enfrentou intensa dor e sofrimento interno. Essa análise evidenciou a conexão entre história, literatura, filosofia e semântica, enriquecendo o discurso sobre a condição humana. Augusto dos Anjos, com sua intensa dor e sofrimento interno foi apresentado como um precursor dos dilemas existenciais formalmente conceituados por Sartre. Este trabalho contribuiu para a compreensão da obra de Augusto dos Anjos, oferecendo uma nova perspectiva que iluminou a profundidade filosófica de sua poesia.

Palavras-chave: Existencialismo. Angústia. Sentido. Análise. Augusto dos Anjos.

ABSTRACT

THE CONVERGENCE OF DESPAIR: A SEMANTIC ANALYSIS OF AUGUSTO DOS ANJOS POEMS IN LIGHT OF EXISTENTIALIST PHILOSOPHY

This monographic work established a parallel between Sartre's existentialist philosophy and the poems of Augusto dos Anjos, using semantics to explore the mindset of the "Poet of Death." Thus we focused on four specific poems: "The Bat," "Intimate Verses," "Solitary," and "Psychology of a Defeated Man," which captured the author's yearnings and anguishes. We investigated the historical, literary, philosophical, and semantic context to reflect on fundamental questions such as life, death, and the absence of meaning in human existence, central characteristics of 20th-century existentialist philosophy. We concluded, therefore, that this analysis not only highlighted the interconnection between different fields of study, enriching the discourse, but also grounded the ideas of a young Brazilian poet who faced intense pain and internal suffering. This analysis evidenced the connection between history, literature, philosophy, and semantics, enriching the discourse on the human condition. Augusto dos Anjos, with his intense pain and internal suffering, was presented as a precursor to the existential dilemmas formally conceptualized by Sartre. This work contributed to the understanding of Augusto dos Anjos's oeuvre, offering a new perspective that illuminated the philosophical depth of his poetry.

Keywords: Existentialism. Anguish. Meaning. Analysis. Augusto dos Anjos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 EXPLORANDO OS ABISMOS DA EXISTÊNCIA	15
1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XX.....	15
1.2 FILOSOFIA DO INÍCIO DO SÉCULO XX	18
1.3 A LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX.....	21
1.4 A SEMÂNTICA COMO FERRAMENTA DE INTERPRETAÇÃO.....	24
2 A TRAJETÓRIA E A CRIAÇÃO DO POETA PESSIMISTA	27
2.1 A <i>EFÊMERA ETERNIDADE</i> DE UM POETA.....	27
2.2 A CATÁSTROFE DOS VERSOS	31
2.3 A MORTE BATE À PORTA.....	37
3 DESTRINCHANDO A COMPLEXIDADE DO POETA DA MORTE	38
3.1 O MORCEGO	39
3.2 VERSOS ÍNTIMOS	42
3.3 SOLITÁRIO	44
3.4 PSICOLOGIA DE UM VENCIDO	46
3.5 ANÁLISE DA MORTE QUASE FINITA	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

Neste trabalho monográfico, a obra de Augusto dos Anjos foi abordada a partir de uma análise semântica, com o objetivo central de traçar um paralelo entre a obra de Augusto dos Anjos e a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, por meio de um estudo bibliográfico, utilizando-se, para isso, do método comparativo, de forma fundamentada e coesa.

Os objetivos específicos deste trabalho monográfico foram: contextualizar historicamente o início do século XX; examinar a filosofia pessimista da época e sua relação com a obra de Augusto dos Anjos; analisar a literatura brasileira do século XX, com foco no Pré-modernismo; explorar a semântica como ferramenta interpretativa. Além disso, apresentar a vida e a trajetória do poeta; destacar as características e fatores que definiram sua obra; realizar uma análise detalhada de quatro poemas específicos, traçando, por fim, um paralelo entre a poesia de Augusto dos Anjos e a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre.

Como hipótese para este trabalho, tínhamos a ideia de que a obra de Augusto dos Anjos refletia influências diretas da filosofia existencialista do início do século XX, especialmente de pensadores como Jean-Paul Sartre. Outra hipótese decorria da proposta de análise semântica dos poemas de Augusto dos Anjos, explorando o uso de linguagem coloquial e termos não convencionais para expressar sentimentos melancólicos e existenciais presentes na obra do poeta.

A última hipótese partia da contextualização histórica do início do século XX, sugerindo que eventos e situações significativas da época influenciaram não apenas a produção literária de Augusto dos Anjos, mas também a maneira de se expressar diante das questões existenciais.

A vida pessoal de Augusto dos Anjos, marcada por perdas familiares e um profundo sentimento de melancolia, pode ser considerada como uma fonte de inspiração para a temática fúnebre e a visão pessimista presente em sua obra poética. Essa hipótese visava explorar como as experiências pessoais do autor influenciaram sua produção artística e literária.

A justificativa para este trabalho partiu de um interesse pessoal por obras não convencionais, pois a expressão de sentimentos tornava-se mais vívida, mostrando como a poesia que, muitas vezes, contém beleza pode conter horror, e,

ainda assim, atingir seu objetivo principal. Particularmente, elaborei produções semelhantes às de Augusto dos Anjos, o que fez com que houvesse facilidade na compreensão de sua obra. A filosofia presente no trabalho retratou um entusiasmo antigo em relação aos questionamentos e maneiras de enxergar a vida humana e seus anseios.

A importância deste tema reforçou a reflexão de que a literatura e a semântica não exerciam sua função de maneira independente, estando intrinsecamente ligadas à filosofia. Mesmo que de maneira indireta, foi importante a compreensão e inserção dessas áreas de estudo para entendermos a mentalidade dos indivíduos no século XX, época de foco do trabalho em questão.

Foram analisados, portanto, quatro poemas do autor brasileiro Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, o qual demonstrou um pessimismo latente que corroborou com a filosofia sartreana. Os poemas escolhidos do paraibano foram: “O Morcego”, “Versos Íntimos”, “Solitário” e “Psicologia de um Vencido”. Percebemos que em todas as obras havia um teor pessimista nas entrelinhas, característico do autor, levando-nos a refletir sobre a existência e questionamentos sobre a vida e a morte, que eram ligados ao ser humano de maneira involuntária e angustiante.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram introduzidas quatro áreas de estudo, situadas no século XX, época em que Augusto dos Anjos produziu sua principal e única obra “Eu”. Iniciamos, no primeiro capítulo, a contextualização histórica que visou retratar os principais acontecimentos e situações que impactaram diretamente o pensamento e a produção artística dos filósofos e artistas da época, incluindo o autor analisado.

Já na segunda seção, tratamos da filosofia do início do século XX, que trazia consigo um forte cunho pessimista e reflexivo sobre a vida e a morte, tal qual o poeta apresentava em sua literatura. Esse movimento filosófico retratou os anseios e angústias humanas, levando-nos a refletir sobre a função do indivíduo perante a existência e sua falta de sentido.

A terceira seção abordou a literatura brasileira do século XX, que estava em constante mutação, pois, nesse período, os escritores buscavam aproximar-se de seus leitores, retratando a melancolia presente na sociedade em que estavam inseridos. Em contraponto aos movimentos anteriores, Augusto dos Anjos pertencia ao movimento Pré-modernista, que visava contrariar os movimentos literários que o

antecederam, com protagonismo individual, utilizando-se de uma linguagem coloquial em termos não convencionais para a expressão de sentimentos.

Na quarta seção, apresentamos a importância da semântica como ferramenta interpretativa, uma vez que a linguagem está atrelada ao sentido, de maneira a retratar suas variações, que serviram para uma análise dos termos escolhidos pelo poeta por meio de metáforas e comparações, utilizando vocábulos incomuns em poesias de sua época.

O segundo capítulo nos situou sobre quem foi Augusto dos Anjos, suas influências e trajetória de vida. Partimos do menino paraibano que veio de uma família abastada financeiramente até o característico "Poeta da Morte", que carregava consigo forte dor. O poeta faleceu aos trinta anos, deixando dois filhos e sua esposa.

No segundo capítulo, também destacamos as características de sua obra e os fatores que fizeram com que Augusto se tornasse um dos poetas mais singulares da literatura brasileira de seu tempo, pois, mesmo que tenha falecido com pouca idade, deixou um legado estudado e discutido até os dias atuais. A última seção desse capítulo abordou características fúnebres que permeavam a vida de Augusto dos Anjos, relatando algumas nuances e peculiaridades sobre seu desenvolvimento pessoal e artístico.

No último capítulo, dedicamo-nos diretamente à análise dos poemas, implementando a proposta inicial deste trabalho. Observamos traços relevantes para que o paralelo entre a poesia e a filosofia existencialista fosse traçado de maneira coerente e coesa, visto que, ao tratarmos do psicológico humano e uma obra como a de Augusto dos Anjos, poderia levar-nos a muitas vertentes e interpretações.

Por fim, a análise detalhada dos poemas específicos selecionados "O Morcego", "Versos Íntimos", "Solitário" e "Psicologia de um Vencido" revelou traços comuns que permitiram estabelecer paralelos claros entre a poesia de Augusto dos Anjos e os princípios fundamentais da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre.

Os fatores mencionados acima fizeram com que este trabalho monográfico tomasse forma, de maneira a corroborar com anseios pessoais alicerçados sob as diferentes áreas de estudo.

1 EXPLORANDO OS ABISMOS DA EXISTÊNCIA

Desde o início do pensamento humano, os indivíduos embarcaram em uma busca obstinada pelo sentido da vida e de suas próprias existências, traduzindo em palavras, escritas ou faladas, suas percepções e sentimentos sobre o mundo. Neste capítulo, abordaremos os conceitos que fundamentam esta pesquisa bibliográfica. Desse modo, apontaremos autores e teorias que expressam conceitos e fundamentações de ideias, com o objetivo de partir da linha de raciocínio interpretativa para filosófica.

Nessa busca pela explicação da própria consciência humana, muitas são as suposições e os enfrentamentos dentro da sociedade. Assim sendo, trataremos, neste trabalho, de um período que compreende o início do século XX, no qual ocorriam diversas mudanças significativas na sociedade. Enquanto na Europa nascia a filosofia existencialista, no Brasil, ressaltaremos a importância e a maneira de expressão de um dos mais renomados escritores da época pertencente ao movimento pré-modernista literário: Augusto dos Anjos.

O sincretismo cultural será observado e explorado de maneira específica em âmbitos de estudo para este trabalho. Nessa perspectiva, a seguir, apresentaremos o contexto histórico, o pensamento filosófico e a literatura da referida época, seguidos de um breve apontamento sobre a semântica.

1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XX

Os acontecimentos vivenciados em uma determinada época refletem diretamente no modo de vida da sociedade, impactando, por muitas vezes, as gerações futuras. Nesta seção, observaremos como as mudanças políticas e sociais do século XX afetaram os intelectuais. Essa contextualização se mostrará necessária para a compreensão de ideias e do sistema cultural, imprescindível para traçarmos um paralelo entre o objetivo principal deste trabalho monográfico, que é a comparação de obras literárias do poeta Augusto dos Anjos, e o pensamento filosófico existencialista.

A Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, transformou profundamente a vida e o trabalho dos pensadores, destruindo valores religiosos e morais, criando um ambiente de caos e incerteza. Ao mesmo tempo, a escravidão no Brasil, que começou por volta de 1530, moldou a sociedade e o pensamento intelectual. Os escravos trabalhavam em condições desumanas em diversos setores, contribuindo para a riqueza dos seus senhores.

Segundo Zunin (2001), houve um grande questionamento a respeito do papel e da função dos intelectuais na sociedade. Ocorreram muitas mudanças políticas e sociais nesse século, pois, em meados de 1914, iniciou-se uma grande guerra, a qual mudou todo curso da história, em diversas áreas de conhecimento, afetando, também, a função dos pensadores dessa época. Observemos o relato a seguir:

A Primeira Guerra Mundial provocou profundas feridas na vida dos intelectuais que a viveram ou para aqueles que foram educados no interior da sociedade europeia em ruínas. Para tais homens, o impulso para a edificação de suas obras não surgia de um drama interior, mas sim de um colossal drama exterior. Não havia refúgio, não havia caverna ou floresta na qual pudessem buscá-lo para escapar da brutal descomposição dos valores religiosos, morais, econômicos e políticos. (Zunin, 2001, p. 85)

Dessa maneira, é importante ressaltar o contexto devastador em que se encontravam os indivíduos, principalmente na Europa. Como reflexo central desse conflito, que afetou diretamente os pensadores — os quais não tinham como se esquivar da barbárie eminente — criou-se um clima catastrófico entre os intelectuais, focando seus esforços a entender como sairiam da famosa “belle époque” para as ruínas da Primeira Guerra. O impacto da guerra na psique dos intelectuais foi drástico, tanto para os que nasceram nessa época, quanto para os que se desenvolveram, afetando diretamente no conceito de esperança e até mesmo pode ter interferido no senso de ordem de cada um.

Não podemos deixar de salientar a mudança brusca que ocorreu no grupo social da época, ocasionando uma nova maneira de analisar a sociedade. As mudanças ocorriam de maneira violenta e até mesmo irracional, pois, segundo Zunin (2001), há a degradação da ordem e das autoridades por meio de movimentos artísticos, que refletiam o desgaste dos valores morais e sociais, retratando uma sociedade retalhada e catastrófica.

Nesse aspecto, o objetivo do artista era justamente retratar o indivíduo violado e até mesmo abandonado pela sociedade e pela religião, uma época embasada em questionamentos sobre o ser humano e seu papel primordial na busca de sentido. Houve a mudança na missão dos intelectuais, o enfoque em questionamentos sobre liberdade e igualdade, que pareciam ser inalcançáveis, a guerra de poderes e a capacidade de redenção. (Zunin, 2001)

Desse modo, percebemos que mudanças sociais fazem com que os indivíduos pensem de forma diferente sobre o mundo, com novas perspectivas que refletem diretamente no campo artístico e moral, corroborando com o que foi citado anteriormente. Assim, notamos que as transformações sociais influenciam profundamente a maneira como os indivíduos percebem o mundo, introduzindo novas perspectivas que impactam os campos artísticos e morais, essas mudanças corroboram as ideias previamente mencionadas, evidenciando a interconexão entre a evolução social e a renovação de valores e expressões culturais.

Segundo Neves (2020), a escravidão teve início em torno de 1530, durou cerca de 300 anos, foi um processo exploratório e cruel, em que os colonizadores portugueses iam até à África em busca de negros para escravizá-los, conforme observamos a seguir:

Existiam escravos que trabalhavam no campo, nas residências e nas cidades. Os do campo eram extremamente mal vestidos, e muitos não tinham contato direto com seu senhor, apenas com o feitor. Os escravos domésticos tinham roupas melhores e contato direto com o senhor e sua família. Os escravos urbanos trabalhavam em diferentes ofícios. (Neves, 2020)

Percebemos que foram diversas áreas em que os escravizados atuavam, sendo duramente explorados, em condições desumanas de existência; alguns trabalhavam diretamente com seus senhores, o que implicava se vestirem de maneira mais adequada.

A escravidão estava integrada à economia em diferentes setores, o trabalho escravo contribuía para a acumulação de riqueza e poder para os proprietários. Juntamente com a escravidão, ocorreu a criação de engenhos de açúcar, nos quais muitos dos escravizados atuavam. (Neves, 2020)

Nesse sentido, é importante destacar o Engenho Pau d'Arco, localizado na Paraíba, onde nasceu Augusto dos Anjos. Conforme veremos no segundo capítulo,

o engenho utilizava mão de obra escrava, inclusive durante a criação de Augusto, perceberemos que essas características influenciaram significativamente sua vida e obra.

1.2 FILOSOFIA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Esta seção é de suma importância para este trabalho, cujo objetivo principal é traçar um paralelo entre as obras de Augusto dos Anjos e a filosofia existencialista presente na Europa do século XX. Lisboa (2016) define o existencialismo como uma filosofia que questiona a verdade absoluta do ser humano, focando na própria existência. Surgido no século XIX e popularizado no século XX, o existencialismo nos leva a refletir sobre a vida cotidiana em busca do resgate da essência do indivíduo.

Os existencialistas acreditam que a essência do ser não pode ser entendida apenas pelas características sociais, eles argumentam que a existência é construída diariamente pelas escolhas individuais. Essa filosofia não se baseia em princípios religiosos, e retrata um ser frágil, com um impasse mental sobre sua consciência, angústias e medos. O existencialismo coloca a liberdade e a responsabilidade individuais no centro das reflexões sobre a existência humana. (Lisboa, 2016)

Para contextualizarmos brevemente sobre o filósofo de maior impacto para este trabalho, Sartre, observemos um apanhado sobre sua vida. Jean-Paul Sartre nasceu em 21 de junho de 1905, na França, onde iniciou sua carreira como professor de filosofia, servindo ao exército francês no ano de 1940, e chegando até mesmo a ser um prisioneiro de guerra durante quase um ano. Sartre era ativista político de esquerda, característica que era atrelada ao seu trabalho, compactuava com a filosofia marxista, teve como principal parceira a filósofa Simone de Beauvoir. Sartre recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1964, porém recusou. Veio a falecer em abril de 1980. (Frazão, 2023)

Os existencialistas compreendem a vida humana como “cheia de ansiedade e desespero”, especialmente diante da morte. Eles argumentam que os seres humanos devem enfrentar essa falta de sentido e decidir entre aceitá-la ou superá-la. Sartre afirma que a existência vem antes da essência, sugerindo que o homem

nasce sem uma essência pré-definida e se define através de suas experiências e escolhas. (Blanc, 1998)

Percebemos que os existencialistas veem a vida como repleta de angústia e desespero, especialmente diante da morte, e defendem que os indivíduos precisam optar entre aceitar ou superar essa ausência de sentido.

Segundo Lisboa (2016), podemos ressaltar como principal ponto as reflexões contidas nessa filosofia, buscando no passado grandes questionamentos. A doutrina em questão põe em foco o existir em si mesmo, para além do sentido da vida e das angústias humanas. O propósito do existencialismo é questionar a verdade absoluta do homem como indivíduo único em sua essência.

O existencialismo, como doutrina, surgiu no século XIX, mas teve maior notoriedade ao longo de todo século XX, buscando esclarecer questionamentos primários dos indivíduos, é abordado de maneira dramática e catastrófica, consoante relatado no trecho a seguir:

[...] o que esses textos possuem em comum é o apelo para o resgate da existência humana. Há uma tentativa, por parte desses autores, de problematizar a vida que se constrói no dia a dia de cada pessoa, algo que corre o risco de se perder em meio às abstrações acadêmicas. (Lisboa, 2016, p. 255)

Esse trecho ressalta os principais questionamentos dessa doutrina. Enquanto, nos séculos anteriores, os estudos filosóficos baseavam-se na moralidade e no mecanismo da vida, em geral, esse pensamento trouxe novamente o enfoque no ser como único e rodeado de angústias, apontando que sua função e castigo estão presentes no simples fato de existir. Os questionamentos acerca desse tema vão desde a precedência do nascimento, o desenvolvimento da vida, até a morte, essa ideia propõe o princípio de que o indivíduo não é capaz de perceber a sua essência se visarmos aspectos sociais, políticos e culturais. (Lisboa, 2016)

Salientando a importância do abandono das bagagens sociais, Lisboa (2016, p. 256) afirma: “encontrando a consciência de si mesmo enquanto um projeto que se faz diariamente a partir das suas escolhas, o sujeito fica à mercê do desamparo fundamental do existir”. Percebemos que os fatores externos são um empecilho para que o homem seja essencialmente genuíno.

Segundo a mesma autora, o existencialismo não se utiliza de princípios religiosos para explicar a existência, é uma doutrina baseada nas responsabilidades do próprio homem para com suas atitudes, gerando, assim, um ser consciente, capaz de sentir suas próprias angústias e medos, uma vez que essa realidade causa grande desconforto e uma série de questionamentos sem resposta. (Lisboa, 2016)

Partindo do conceito de liberdade pela perspectiva sartreana, podemos observar que “a liberdade para o filósofo, está no âmago do Ser, através do para-si, o homem pode realizar a si mesmo visando um futuro. É a partir de suas escolhas e ações que afirmará a si mesmo existencialmente”. (Souza; Silva, 2020, p. 44)

Esse trecho diz respeito aos conceitos de liberdade a partir da ótica sartreana, é importante para compreensão das seguintes linhas de pensamento do filósofo em questão. Segundo Sartre (1987), estamos condenados a ser livres, o que significa que somos responsáveis por nossas escolhas e ações em um universo desprovido de sentido pré-estabelecido, compreender essa visão é indispensável para aprofundar-se nas suas teorias sobre a existência, a autenticidade e a responsabilidade individual, elementos centrais em sua obra filosófica

A obra “A Idade da Razão”, de Jean-Paul Sartre, surge com uma importante afirmação: “é para te libertar de ti próprio; olhar, julgar: é a tua atitude predileta. Quando olhas para ti próprio, imaginas que não és o que estás a ver, que não és nada. No fundo, é o teu ideal: não ser nada”. (Sartre, 1987, p. 9)

Um tanto quanto assustador o fato de “não ser nada” carrega, também, o desprendimento de correntes imaginárias, que são impostas aos indivíduos desde o momento em que se tornam seres sociais dependentes. Com essa afirmação, Sartre explora as angústias humanas de maneira a instigar a busca de sentido, para que não os tornemos seres alienados e reféns do próprio mecanismo de sobrevivência. De acordo com Sartre (1987), observamos que o indivíduo é essencialmente livre. Nesse contexto, é livre até mesmo de amarras religiosas que utilizam crenças para explicar acontecimentos e questionamentos, os quais implicam as maiores angústias humanas. Observemos o trecho seguinte:

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa

que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. (Sartre, 1987, p.19)

Essa citação reflete um dos princípios fundamentais da filosofia existencialista, juntamente com o ateísmo, argumentando que não existe um plano divino ou alguma essência pré-definida para os seres humanos. Viemos ao mundo como uma “folha em branco”, e somente após a inserção na sociedade é que o caráter se determina.

Percebemos que, para os existencialistas, o ser humano passa a ser social após uma série de experiências e entendimentos que os atribuem significado e função social, que antes disso, os seres existem de maneira alheia e independente. Ademais, observam que a vida humana frequentemente está repleta de sentimentos como ansiedade, incertezas e desespero, especialmente quando confrontada com a iminente chegada da morte. Destacam, ainda, a falta de sentido na existência em um mundo que não oferece direção ou razão para as ações humanas. Eles argumentam que os seres humanos devem confrontar essa falta de sentido inerente à sua condição e decidir entre abraçá-la ou tentar superá-la. (Sartre, 1987)

Nessa perspectiva, Blanc (1998) observa a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e destaca as principais contribuições para a compreensão do ser humano, enfatizando a visão do filósofo sobre a liberdade humana, que diz que os seres humanos são condenados a serem livres. Essa afirmação é fundamental para entender a concepção sartreana de que "a existência precede a essência", pois, de acordo com Sartre, os seres humanos primeiro existem e depois definem sua essência ou natureza por meio de suas ações e escolhas.

Os aspectos citados nesta seção servirão como uma ferramenta interpretativa para atingirmos o objetivo principal desta pesquisa, conforme já mencionado.

1.3 A LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX

Para este estudo, é imprescindível compreender o papel da literatura, pois, é a partir dela, que visamos compreender a personalidade complexa e curiosa de

Augusto dos Anjos, um dos principais poetas da literatura brasileira, cujo foco era escrever poemas, mais especificamente, sonetos.

Acerca desse gênero textual, Buarque conceitua:

[...] o soneto é um gênero poético nucleado em torno de catorze versos de tonalidade ordenada quantitativa e qualitativamente (conforme o idioma) de maneira simultânea ou sucessiva, com variedade estrófica binária e ternária (sendo, a rigor, mais comum o quarteto e o terceto [...]). (Buarque, 2015, p. 42)

Assim, percebemos que o soneto é um gênero poético que possui catorze versos. Trataremos, portanto, neste trabalho, dos sonetos de Augusto dos Anjos, constituídos por dois quartetos e dois tercetos.

A abordagem da literatura ocorrerá de maneira a destacar os principais movimentos, contextualizando os séculos XIX e XX, com enfoque no Realismo, Simbolismo, e por fim, o Pré-modernismo e Modernismo.

Para tanto, Bosi (1994) ressalta que o Realismo surgiu em um período de grandes mudanças econômicas e sociais no Brasil. Essas transformações geraram uma nova maneira de observar a realidade, visando características sociais.

Sendo assim, o Realismo teve um impacto duradouro na literatura, influenciando escritores posteriores e estabelecendo novos padrões para a representação da realidade. Esse movimento foi de suma importância para a evolução literária, trazendo uma abordagem mais científica e crítica na representação social e individual, cortando laços com as idealizações românticas e inaugurando uma era de introspecção e análise crítica da sociedade na qual os autores estavam inseridos.

Ainda, segundo Bosi (1994), o Simbolismo no Brasil realizou um importante papel para a literatura brasileira. O movimento literário foi responsável por formar escritores com um forte caráter individualista e uma postura crítica em relação à razão. Em vez de se prenderem à lógica e ao racionalismo, esses autores buscavam compreender o mundo através dos sentidos e das reflexões profundas ao valorizar a subjetividade e a introspecção. Devido a essas características, esse período é melhor retratado por meio da poesia, por ser mais expressivo e com tom artístico mais elaborado.

Percebemos, assim, que não houve o abandono total da razão, pois os dois movimentos citados anteriormente trazem consigo uma forte crítica social da época,

mesmo que no Simbolismo tenha sido retratado de maneira artística e rebuscada, com enfoque no eu, como protagonista de sua própria história.

O Pré-modernismo, de acordo com Araujo (2012), abrange o início do século XX até a Semana de Arte Moderna de 1922. Caracterizado por sua diversidade e controvérsia na literatura brasileira, o movimento destacou-se pela incorporação da linguagem coloquial, acelerando o ritmo literário, reduzindo textos e integrando a crônica como gênero. Também diversificou o vocabulário com regionalismos e neologismos, aproximando a literatura do leitor e democratizando a linguagem. Além disso, trouxe debates sobre a definição e a legitimação das obras, com alguns autores seguindo os padrões da época e outros se distanciando deles, uma vez que é caracterizado de maneira controversa na história da literatura brasileira, por sua variedade de produções em que muitos artistas eram tidos como peculiares. Vale ressaltar, também, que esse movimento ocorreu num período de transição. Conforme o trecho a seguir demonstra:

Do ponto de vista estético, houve incorporação de elementos coloquiais da língua; rapidez no ritmo do texto literário; redução dos textos; incorporação da crônica como gênero literário; presença do leitor no texto, evidenciando, neste caso, a proximidade entre leitor e escritor e; diversificação do léxico pré-modernista pela incorporação de regionalismo, estrangeirismos, gírias, expressões populares e neologismos. (Araujo. 2012, p. 119)

De acordo com a citação anterior, uma das principais características desse movimento foi a incorporação da linguagem coloquial, trazendo a literatura para perto do leitor, promovendo maior compreensão e até mesmo a democratização da linguagem, abordando características regionais, as quais fizeram da literatura uma ferramenta importante de expressão e conexão com os demais.

Ainda segundo Araujo (2012), esse movimento trouxe à tona o questionamento central sobre a definição a respeito de qual corrente cada obra pertencia, enquanto alguns autores buscavam a legitimidade, outros fugiam dos padrões da época, fato que faz com que esse período seja dificilmente definido em um movimento padronizado e característico.

Nesse âmbito, Bosi (1994) declara que no Pré-Modernismo, a literatura brasileira se caracterizou por uma diversidade de estilos e uma abordagem crítica da realidade social, característica adquirida no Realismo. Autores desse período

alternam elementos do Realismo e Simbolismo, focando em temas como pobreza e injustiça social. Essa fase de transição foi marcada por uma preocupação em retratar a sociedade, criticando suas desigualdades e preparando o terreno para as inovações do Modernismo.

Diante do exposto, esta seção objetivou nos levar a compreender as influências literárias que permearam a escrita de Augusto dos Anjos, tendo em vista a complexidade de seus versos. Por essa razão, pontuamos algumas mudanças culturais e sociais no Brasil durante os séculos XIX e XX. Os movimentos literários abordados anteriormente serão essenciais para entendermos a evolução e a riqueza dos sonetos do autor.

1.4 A SEMÂNTICA COMO FERRAMENTA DE INTERPRETAÇÃO

Outro tópico relevante para a compreensão dessa análise é a semântica, caracterizada como uma ferramenta essencial de interpretação. Através dela, conseguiremos compreender, de maneira mais clara e precisa, a função da linguagem humana. Essa compreensão será crucial para a análise das poesias de Augusto dos Anjos, as quais são ricas em simbologias e permeadas por um pragmatismo latente. A semântica nos permitirá decifrar os significados profundos e as nuances presentes nas obras do poeta, facilitando uma interpretação mais completa e detalhada.

Segundo Trujillo (2012), a semântica é uma importante área da linguística, em que a linguagem humana é o principal objeto de estudo. Para introduzir esse conceito, observemos o seguinte trecho:

Diante da inexistência de uma “ciência da linguagem”, no período anterior ao século XIX, os estudos linguísticos eram domínio da Filosofia, Antropologia, Biologia, e até a Medicina. Com base nos estudos aristotélicos e durante a idade média a lógica, gramática e retórica eram tratadas como disciplinas que abrangiam o estudo da morfologia, sintaxe, lexicologia e, até a variação de sentido dos termos. (Trujillo, 2012, p.1)

A partir desse trecho, podemos observar a clara necessidade da criação de uma ciência voltada exclusivamente à compreensão da linguagem humana. Isso se

deve ao fato de que a linguagem não é independente de outros fatores e deve ser examinada com cuidado. A linguagem é uma ciência relativa e muito maleável, variando significativamente de acordo com o objeto de estudo e o contexto em que é aplicada. Portanto, uma abordagem científica é necessária para destrinchar as complexidades e sutilezas inerentes à linguagem humana.

Nesse passo, devemos entender a importância da *etimologia*, que é o estudo da origem das palavras, bem como da *lexicologia*, que é o estudo do significado das palavras. Essas duas áreas auxiliam na compreensão do discurso, sendo analisado de maneira mais profunda, além de um simples código, com termos carregados de significação.

Para o seguimento dessa reflexão, precisamos compreender que muito dessa área de estudo já foi destrinchada pelos gregos e latinos da antiguidade, que observavam as mudanças de significado como um reflexo das mudanças na mentalidade dos indivíduos, ou seja, analisar atitudes de acordo com o contexto. A exemplo disso, podemos traçar uma comparação: que em tempos de guerra, hesitar é um ato de covardia; mas já em outro contexto, pode ser interpretado como um ato de sabedoria. Trujillo (2012) nos diz que:

Pode-se afirmar que o sentido final do discurso, apresentado pela Semântica, somente se concretiza depois de identificar o valor externo decorrente da análise sintática, além do significado lexical, aliado à análise profunda obtida das relações textuais, contextuais e extra-textuais como são os fatores culturais, econômicos, históricos, políticos, geográficos, de gênero e demais circunstâncias crono-tópicas que envolvem o fenômeno da linguagem. (Trujillo, 2012 p.18)

O trecho acima mostra a importância da semântica dentro da linguística, pois é uma área que surgiu para que entendamos aspectos do significado das palavras. Podemos observar que a compreensão do sentido, termos e sentenças de uma linguagem, vão além de simplesmente entender a sua origem. Vale lembrar que as palavras não são estáticas, elas podem desaparecer, alterar o sentido ou até mesmo adquirir um novo significado ao longo do tempo e sociedade em que se aplicam; assim, como novas palavras podem ser implementadas no vocabulário.

Observa-se mais a fundo a semântica a partir do autor Pêcheux (1988), o qual faz uma crítica à visão tradicional da semântica como algo direto e objetivo, ele determina que os significados são produzidos por meio da linguagem em contextos

específicos. Destaca também a importância de considerar o papel do discurso na construção dos significados, pois as palavras e frases adquirem sentido por meio das práticas discursivas que as contextualizam. Pêcheux argumenta que a semântica não é apenas uma questão de significados individuais, mas está diretamente ligada às relações externas que baseiam o discurso, ele sugere uma abordagem crítica que evidencie como certos significados são empregados, quem os profere e para quem os profere.

Devido a esse fator, a semântica desempenha um papel fundamental na compreensão dessas dinâmicas e na evolução do significado das palavras dentro de um idioma. Isso nos leva a analisar, posteriormente, não apenas a mentalidade e a expressividade do poeta brasileiro Augusto dos Anjos, mas também como suas escolhas linguísticas e semânticas refletem as condições sociais, culturais e filosóficas de sua época.

2 A TRAJETÓRIA E A CRIAÇÃO DO POETA PESSIMISTA

Para compreendermos a linguagem de Augusto dos Anjos, é imprescindível conhecermos as condições e ambientes de sua escrita. Desse modo, faz-se necessário nos dedicarmos a uma breve explanação sobre sua vida, e, por consequência, as influências e motivações que o tornaram escritor de poemas mórbidos e sombrios.

Este capítulo apresenta, portanto, uma síntese¹ acerca da vida e obra desse poeta brasileiro, a qual se inicia com a descrição de sua origem no Engenho Pau d'Arco, na Paraíba, e prossegue com sua trajetória educacional e profissional, abordando seu papel como professor de Língua Portuguesa no Rio de Janeiro. Serão apresentadas as características literárias de Augusto, com ênfase em sua associação com o movimento Pré-modernista e sua reputação como o "poeta da morte". Sua obra principal, "Eu", lançada em 1912, é analisada em termos de suas características singulares e sua influência na poesia brasileira da época.

Além disso, serão exploradas as dificuldades em definir a obra de Augusto dentro de um único movimento literário, levando em conta a diversidade de influências e estilos presentes em sua poesia. Essa diversidade reflete as características complexas e originais de sua produção artística.

Nesse sentido, a seção que segue "*A efêmera eternidade de um poeta*" abordará aspectos relacionados à vida do poeta, já que a personalidade do autor foi amplamente retratada em suas obras.

2.1 A EFÊMERA ETERNIDADE DE UM POETA

Para contextualizar os aspectos da vida de Augusto dos Anjos, abordaremos, nesta seção, sua trajetória pessoal e profissional, visando a compreensão de sua escrita. Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, filho de

¹ Tendo em vista as poucas publicações do poeta Augusto dos Anjos, e a brevidade de sua existência, não há riqueza de informações disponíveis sobre sua vida e obra.

Alexandre Rodrigues dos Anjos e Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos, nasceu no dia 20 de abril de 1884, no Engenho Pau d'Arco, na Paraíba.

Augusto recebeu as primeiras orientações educacionais de seu pai, o que refletiu em sua formação posterior. Estudou Direito em Recife e seguiu carreira como professor de Língua Portuguesa em seu estado natal. Posteriormente, começou a lecionar no Rio de Janeiro, onde foi morar com sua esposa, Ester Fialho, em 1910. Em 1913, mudou-se para Minas Gerais, onde viveu até seus últimos dias na cidade de Leopoldina, falecendo em 1914, acometido de pneumonia. (Perez, 2024)

A excentricidade de Augusto se manifesta de forma mais evidente em suas obras literárias. Neste capítulo, destacaremos as características que consolidaram sua reputação como o “poeta da morte”. Analisaremos os temas sombrios e mórbidos que permeiam sua poesia, bem como o estilo singular e a profundidade emocional que distinguem sua escrita, ao explorar esses elementos, poderemos compreender melhor como o poeta utilizou sua visão única do mundo para criar uma obra tão marcante e inesquecível.

Augusto está associado ao movimento Pré-modernista, juntamente com autores como Lima Barreto, Euclides da Cunha, Graça Aranha e Monteiro Lobato. Nesse período, é possível observar uma grande diversidade cultural nas obras de cada artista. Augusto se destacou por sua arte macabra e, por vezes, violenta, trazendo à tona angústias humanas e a falta de sentido. (Perez, 2024)

Apesar de pertencer ao movimento Pré-modernista, Augusto dos Anjos foi citado pelos críticos da época por apresentar, em suas obras, características do Simbolismo. Suas obras foram divididas em três períodos, conforme observamos no trecho a seguir:

Para facilitar a compreensão de sua obra, os críticos literários convencionaram três diferentes fases de sua poesia: a primeira é marcada pelo Simbolismo; a segunda apresenta inovações temáticas e estilísticas (elementos que o consagraram), e a terceira aponta para um amadurecimento literário do poeta. (Perez, 2024)

Nesse fragmento, podemos observar a evolução do autor e como o sincretismo cultural esteve presente em sua obra, que foi dividida em três períodos. Na primeira fase, o poeta explorou o uso de símbolos para transmitir emoções profundas e pensamentos complexos. A segunda fase representa um período de

inovação, o poeta acrescentou novidades em seus temas e em sua forma de escrita, essas inovações ampliaram seu alcance artístico e contribuíram para sua consagração como escritor. Por fim, na terceira fase, observa-se um claro amadurecimento literário do poeta. Sua escrita mostra um desenvolvimento profundo e um refinamento na abordagem de temas. Essas três fases ajudam a contextualizar a evolução da obra do poeta. Augusto dos Anjos produziu somente uma obra, o livro intitulado "Eu", lançado em 6 de junho de 1912, essa obra teve grande importância na popularização de termos não convencionais para a poesia da época. (Perez, 2024)

Os termos não convencionais serão explorados com maior profundidade no terceiro capítulo, porém, para melhor entendimento, podemos explicitar que na poesia de Augusto dos Anjos há alusão a ossos, partes do corpo humano, cheiros desagradáveis e animais insistentemente amedrontadores.

As obras do poeta são classificadas como sendo de difícil classificação literária, assim, mais uma vez, podemos ressaltar o sincretismo cultural como a principal característica das obras desse autor.

A importância de Augusto dos Anjos para a literatura brasileira foi notória, caracterizada como única e incomparável por seu teor pessimista e termos distintos. Perez (2024) chega a mencionar sua poesia como científica, dando ênfase ao objetivo central deste trabalho, que é traçar um paralelo lógico entre as obras de Augusto e a filosofia existencialista.

Segundo Magalhães Júnior (1978), Augusto dos Anjos nasceu rodeado de escravos e serviçais, como era comum nos engenhos da época. Cresceu em uma casa grande de muitos cômodos, numa propriedade com grande produção de açúcar mascavo, aguardente e outros frutos obtidos devido à fértil terra local. Além desse engenho, a família possuía outras propriedades que complementavam suas riquezas.

Vale ressaltar que, na época em que o poeta nasceu, o ambiente social estava em mutação. Treze anos antes, a Lei do Ventre Livre entrou em vigor, influenciando o fim da escravidão. Apenas em 1888, o movimento abolicionista entrou em funcionamento pleno, culminando na libertação de todos os escravizados. (Perez, 2024)

Augusto foi batizado na capela local e foi alimentado em seus primeiros anos por uma ama-de-leite chamada Guilhermina. O poeta aprendeu as letras do alfabeto

por conta própria, influenciado pelos irmãos mais velhos que ficavam atentos às suas lições. Seu precoce aprendizado tornou-se notório, gerando diversas especulações sobre sua futura vida profissional. O jovem enfrentou sua primeira polêmica profissional após publicar os sonetos intitulados "Ceticismo" e posteriormente "Vandalismo", que refletiam suas dúvidas espirituais, gerando grande escândalo para a época.

Esse acontecimento não o limitou em outras áreas de sua vida. Augusto sentiu-se mais livre de alguma maneira, pois parecia desprendido de compromissos com o passado, livre para seguir novos caminhos conforme sua vontade. Nessa nova fase, o poeta estava finalizando seu curso de Direito e escreveu poemas com uma estética diferente das anteriores.

Em meados de 1906, Afonso Pena, que futuramente seria eleito Presidente da República, viajou pelo norte do Brasil com o intuito de conhecer melhor o país que iria governar. Logo após sua passagem pela Paraíba, Augusto se referiu a esse acontecimento em uma carta escrita em italiano ao seu amigo de estudos.

Nessa época, Augusto dos Anjos fazia visitas rápidas ao engenho onde cresceu. No mesmo ano conheceu sua futura esposa, Ester Fialho, que em pouco tempo tornou-se sua noiva e, por fim, sua esposa, para quem escreveu o poema intitulado "Queixas noturnas". Observemos o seguinte trecho:

*Sobre histórias de amor o interrogar-me
É vão, é inútil, é improfícuo, em suma;
Não sou capaz de amar mulher alguma
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.
(Anjos, 1908)*

Podemos constatar que, mesmo escrevendo sobre o amor, Augusto dos Anjos reflete uma personalidade incrédula de si mesmo, utilizando vocábulos incomuns para tratar do amor romântico. Além disso, segundo Magalhães Júnior (1978), as obras de Augusto dos Anjos são versos que refletem a conturbada vida do autor, com todas as suas angústias e anseios expressos em cada uma das palavras e termos utilizados.

Ademais, Augusto dos Anjos foi beneficiado com um cargo de professor substituto e parecia ter encontrado sua vocação, contentando-se com o magistério.

Essa nova fase de sua vida ocorreu em um momento crucial, pois o engenho de sua família já acumulava muitas dívidas, ainda mais após a morte de seu avô.

Vale ressaltar alguns relatos de que Augusto teve um filho ilegítimo, que detinha do cargo de chefe de polícia, porém o poeta nunca se interessou por esse filho. Já em seu casamento com Ester, teve uma triste notícia: a perda prematura de seu primeiro filho; fato esse que Augusto apontou de maneira melancólica numa carta enviada à mãe. Somente no final do ano de 1911, Augusto e Ester voltaram a alegrar-se devido ao nascimento de sua filha, chamada Glória dos Anjos, sempre mencionada nas cartas escritas pelo pai, como Glorinha.

Augusto dos Anjos publicou seu livro em 1912, o qual teve grande repercussão, será abordado com cautela na segunda seção deste capítulo, tendo em vista que o livro causou grande burburinho no meio jornalístico da época.

Não se preocupando com a repercussão negativa gerada pelo livro, seu entusiasmo predominou nessa situação (Magalhães Júnior, 1978), característica que podemos apontar como inusitada dadas as diversas situações em que apontamos neste capítulo. No mesmo ano de 1912, nascia seu segundo e último filho, Guilherme dos Anjos.

Em 1913, Augusto e Ester foram morar em Leopoldina, local onde o poeta adoeceu, e evoluiu de uma gripe para uma pneumonia, deixando-o gravemente doente. Desse modo, o poeta veio a falecer, em decorrência disso, deixando apenas um livro publicado em vida, e algumas composições que estava escrevendo para seu último livro.

2.2 A CATÁSTROFE DOS VERSOS

Augusto dos Anjos, desde cedo, demonstrou profunda melancolia e angústia em seus poemas, características que permaneceram ao longo de sua carreira literária. Sua poesia é marcada por um tom amargurado e simbolista, utilizando vocábulos específicos e uma estética sombria.

A escrita de Augusto explorava temas metafísicos e científicos. Ao longo dos anos, sua poesia evoluiu para tratar de questões existenciais e filosóficas, sempre permeada por uma expressividade singular profunda e um dualismo psicológico.

Suas composições eram frequentemente vistas como chocantes e inovadoras, desafiando as normas literárias da época e refletindo uma psique complexa e atormentada.

Augusto cresceu rodeado de lendas locais, com muitas histórias na noite rural, e superstições também, com forte presença do catolicismo.

Ainda adolescente, com apenas 15 anos publicou seu primeiro soneto no *Almanaque do Estado da Paraíba*, no ano de 1900, conforme o trecho a seguir:

*E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento
(Anjos, 1800)*

Como observamos, mesmo aos quinze anos, Augusto já apresentava sinais de uma grande dor e conseguia se expressar de maneira melancólica. Nessa época, ele afirmou em uma carta enviada à sua mãe que estava "sumamente aborrecido". (Magalhães Júnior, 1978)

Pouco tempo depois, o poeta tornou-se colaborador do jornal "O Comércio", no qual publicou seus versos, ainda de cunho melancólico, retratando as mesmas tristezas e mágoas de antes. Há relatos de que, nessa mesma época, Augusto sofreu a perda de seu primeiro amor, o que lhe causou uma profunda tristeza e amargura.

Ao longo dos anos, suas obras foram até mesmo taxadas como sendo de cunho socialista. Augusto frequentemente se inspirava em autores brasileiros para sua produção artística. Foi considerado um poeta cívico, pois suas obras também refletiam os acontecimentos da época. Por exemplo, quando o brasileiro Alberto Santos Dumont estava realizando testes com seus balões, Augusto escreveu o poema intitulado "A Aeronave", que retratava o azul do céu e os elementos que lá existem.

No final de 1901, sua poesia foi influenciada pelo fato de ele estar se preparando para ingressar na faculdade de Direito através de exames. Augusto também publicou o poema intitulado "Aves Libertas" para comemorar o aniversário da Proclamação da República. Ao longo desse primeiro ano, seu conhecimento poético evoluiu significativamente, resultando na publicação de trinta e três

composições, que posteriormente repudiou ao adquirir mais conhecimento ao longo dos anos. (Magalhães Júnior, 1978)

Em suas colaborações para "O Comércio", onde iniciou sua vida profissional, Augusto não apresentava ainda características relevantes do poeta que se tornaria, especialmente em seu escrito "Eu". Há relatos de que Augusto já escrevia sobre seus amores com um tom amargurado, criando poemas considerados satânicos e chocantes para o público da época. Seus escritos não apresentavam um padrão definido, mas, na maioria, demonstravam grande angústia e dor. (Magalhães Júnior, 1978)

Aos dezoito anos, Augusto continuava a contribuir artisticamente com o jornal. Seus poemas amargurados carregavam fortes características simbolistas, incluindo o uso de iniciais maiúsculas e vocábulos retirados do glossário elaborado por Andrade Muricy em seu "Panorama do Simbolismo Brasileiro". Nota-se também o desprezo pela repetição de palavras e até mesmo versos inteiros, uma característica do período Simbolista. O autor, ainda jovem, escreveu diversos poemas, sempre transbordando sentimentos infelizes. O poeta também se aproximou de temas metafísicos, utilizando como inspiração a Via-Láctea e outros temas inusitados para a época. Augusto se preocupava excessivamente com as rimas de seus poemas, buscando termos em outras áreas do conhecimento, como a Geografia, rimando o rio francês "Marne" com "carne". (Magalhães Júnior, 1978)

O poeta passou cerca de oito meses ausente das colunas do jornal, um período que coincidiu com uma grande turbulência em sua vida pessoal. Foi quando seu pai ficou gravemente doente e foi se tratar em Recife, possivelmente de trombose cerebral, ficando "preso à cama, parálítico e sem o uso da fala". (Magalhães Júnior, 1978)

Essa limitação fez com que Augusto se aprofundasse ainda mais em versos sombrios e pessimistas, os quais formaram uma literatura peculiar. Outro importante acontecimento foi a conclusão da faculdade de Direito por Augusto. Ele tentou ganhar tempo fazendo dois anos de faculdade em um só, o que impactou diretamente suas publicações no jornal. Em 1902, ele publicou trinta e oito poemas, mas em 1903, ano em que iniciou o curso, publicou apenas um.

Para este trabalho monográfico, é importante ressaltar que nesse período há registros de cartas escritas por Augusto à sua mãe, nas quais ele contava sobre o acontecimento de ter ido ao carnaval de Recife, onde questionava o que é

divertimento. Isso aproxima suas obras da filosofia existencialista europeia, sendo essencial analisar seus pensamentos e opiniões sobre o sistema em que vivia para traçar um paralelo com seus anseios.

Nessa altura, seu pai já estava com a saúde muito comprometida e veio a falecer em dois anos, preso à cama. A maioria das cartas destinadas à sua mãe retratavam a saudade da família, a preocupação com seu pai e com os exames da faculdade. Mais tarde, em 1905, com a morte de seu pai e o declínio nos negócios da família, Augusto enfrentava um período conturbado. Ele relatava o alívio pela morte de seu pai, que estava preso em uma "jaula de carne", mas isso não diminuiu a dor, pois se tratava de um grande amigo e mentor. Dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos faleceu em 13 de janeiro de 1905.

O poeta dedicou seus próximos poemas à morte de seu pai, carregados de grande dor e mágoa, sugerindo que seu pai estava podre e roído por bichos. Muitas especulações surgiram sobre suas obras, nas quais Augusto questionava sua existência e seu próprio sentido, alegando viver como um morto. Suas obras não correspondiam às métricas convencionais da época, conforme ilustrado no trecho a seguir:

[...] ainda no início de sua carreira, começava a se debruçar sobre si mesmo, na sondagem de seus abismos interiores, preocupado com as indecisões e o dualismo de sua personalidade, por ele próprio mais tarde qualificada de "psique biforme". (Magalhães Júnior, 1978, p. 26)

Esse fragmento corrobora a especulação sobre sua personalidade e dualidade presente nas obras. Ainda segundo Magalhães Júnior (1978), é perceptível nas obras de Augusto a forte presença do Simbolismo, tanto nos temas como no vocabulário, com sua poesia "repulsiva e profanadora", podemos perceber sua evolução artística ao longo do tempo, com uma poesia sentimental e que se utilizava da repetição de vocábulos dentro de uma mesma estrofe.

Augusto seguiu sua escrita de maneira a libertar todos os seus medos e faces obscuras, sempre se questionando sobre a possibilidade de estar beirando a loucura. No ano de 1908, Augusto mudou-se para Paraíba, e começou sua parceria com o jornal intitulado como *A União*, onde escrevia artigos em defesa do governo

As produções não pararam no jornal em que o poeta estava atuando, conforme percebemos a seguir:

[...] o soneto "Budismo moderno" que foi aproveitado no Eu, como quase toda a produção divulgada naquele jornal. Estava o poeta na plena posse dos seus dons. Aqueles catorze versos são uma estranha mistura de realismo e de romantismo, de simplicidade e de pedantismo cientificista." (Magalhães Júnior, 1978, p.195)

Segundo Magalhães Júnior (1978), o soneto "Budismo moderno" de Augusto dos Anjos, incluído na obra "Eu", exemplifica o domínio artístico do poeta. Ele destaca a habilidade de Augusto em combinar realismo e romantismo, simplicidade e pedantismo cientificista, essa mistura reflete a singularidade do poeta e a dificuldade de classificar suas obras dentro de um único movimento literário, evidenciando seu sincretismo cultural e capacidade de transcender convenções literárias, conforme observamos a seguir:

Budismo Moderno

*Tome, Dr., esta tesoura, e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo o meu coração, depois da morte?!*

*Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa
Ao contato de bronca destra forte!*

*Dissolva-se, portanto, minha vida
Iguamente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo;*

*Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!*

(Anjos, 1909)

Analisando o texto acima, podemos observar que o poeta reitera o desejo de morte, mais especificamente o suicídio, retratando-o de maneira consciente ou inconsciente, fato que podemos observar em diversas produções de Augusto dos Anjos.

Como citado anteriormente, em 1912, ocorreu o lançamento do livro intitulado “Eu”, obra essa que chocou a sociedade da época, sendo classificada como “estranho e novo, com algumas extravagâncias, alta filosofia [...]”, também foi apontado como “o acontecimento poético do ano”. (Magalhães Júnior, 1978)

O livro também recebeu críticas como “um amontoado de palavras difíceis e nada mais”, “poesia imprópria e muito postiça”, levando muitos a questionarem questões psicológicas do poeta, levando aos jornais da época questionarem a repercussão e estranharem a linguagem adotada.

Algum tempo depois, Augusto dos Anjos escreveu em seu leito de morte um poema aos seus filhos, referindo-se somente à Gloria e Guilherme, visto que seu filho anterior ao casamento não foi mencionado, exceto por ser classificado em outra ocasião com um “acidente”. Observemos o poema seguinte:

*Na intermitência da vital canseira.
Sois vós que sustentais (Força Alta exige-o...)
Com o vosso catalítico prestígio,
Meu fantasma de carne passageira!*

*Vulcão da bioquímica fogueira
Destruiu-me todo o orgânico fastígio.
Dai-me asas, pois, para o último remígio,
Dai-me alma, pois, para a hora derradeira!*

*Culminâncias humanas ainda obscuras,
Expressões do universo radioativo,
Íons emanados do meu próprio ideal,*

*Benditos vós, que, em épocas futuras,
Haveis de ser no mundo subjetivo,
Minha continuidade emocional!
(Anjos, 1914)*

Percebe-se, no soneto, uma espécie de despedida aos filhos e reconhecimento da própria mortalidade, retratando a si mesmo como matéria orgânica, oferecendo aos seus filhos a herança emocional e literária.

Pelo exposto, pudemos perceber diversas características que tornaram Augusto dos Anjos o “poeta da morte”. Assim, nesta seção, destacamos sua poesia melancólica e simbolista desde o início de sua carreira, seus versos foram inovadores e desafiadores às normas literárias da época, refletindo uma mente complexa e atormentada. Sua obra foi descrita como provocativa e disruptiva, evoluindo ao longo dos anos para explorar temas existenciais e sociais que refletiam sua própria jornada pessoal e intelectual.

2.3 A MORTE BATE À PORTA

Nas duas primeiras partes que compõem este capítulo, observamos aspectos sobre a vida e a obra de Augusto dos Anjos. Muitos dados indicam a presença constante de temas mórbidos em sua trajetória, desde sua origem e influências, mostrando o local onde cresceu, classificado como um ambiente rural repleto de lendas, superstições e forte presença do catolicismo, o que contribuiu para sua inclinação por temas sombrios e a contraditoriedade à religião, tornando-o subversivo.

Um exemplo claro disso é um soneto publicado aos quinze anos, que já demonstrava grande sofrimento e descontentamento pela vida. A expressividade de angústia é constante em sua obra. O poeta enfrentou desafios familiares que agravaram ainda mais sua visão pessimista da vida, o que é reforçado por perdas pessoais significativas, como a morte de seu pai e a perda prematura de seu primeiro filho com sua esposa Ester. Esses acontecimentos adicionaram camadas de dor e desesperança à sua existência.

No fim de sua vida, Augusto dos Anjos continuou a explorar temas mórbidos. Em seus últimos dias, escreveu um poema de despedida aos filhos, reconhecendo sua própria mortalidade e refletindo sobre a continuidade emocional através deles. Esses elementos destacam como a morte e a morbidez estavam o tempo todo ligadas à vida e obra de Augusto dos Anjos, permeando sua poesia e visão de mundo de maneira profunda e constante.

3 DESTRINCHANDO A COMPLEXIDADE DO POETA DA MORTE

Neste capítulo, analisaremos quatro poemas de Augusto dos Anjos com objetivo de destacar as características apontadas no primeiro capítulo deste trabalho monográfico, com o objetivo de correlacionar as diferentes áreas de estudo citadas anteriormente, a saber: história, filosofia, literatura e semântica; mostrando que essas áreas estão atreladas entre si, mesmo que inconscientemente.

Para a sistematização das análises, apresentaremos os poemas na íntegra, seguidos de seus comentários, com as áreas acima integradas, pois é mais coerente considerarmos as particularidades de cada texto, visto que o cenário histórico e social reflete diretamente no comportamento e pensamento dos indivíduos. Dessa forma, não haverá uma separação em tópicos, cada poema será apresentado de acordo com o seu enfoque, considerando os aspectos mais relevantes para cada contexto.

Vale ressaltar que os poemas pertencem ao mesmo período, e contêm as mesmas características pessimistas e melancólicas em relação à morte, vida humana, sociedade e ausência de sentido, contendo constantes questionamentos inquietantes sobre as vivências do eu lírico.

A escolha dessas obras surgiu a partir de um interesse pessoal e utilidade para este trabalho, após a compreensão da proposta de maneira mais abrangente. Essa análise, baseada em conceitos de Sartre, partem de um ponto de vista autoral, não tendo intenção de demonstrar uma verdade absoluta, pois entendemos que a interpretação surge a partir da semântica, que, como já vimos anteriormente, é algo singular e independente de vários fatores externos.

3.1 O MORCEGO

O poema analisado nesta seção será “O Morcego”, que carrega consigo um tom emblemático e perturbador sobre a perspectiva do eu lírico. Foi publicado em 1912, no livro “Eu” de Augusto dos Anjos, sua única obra lançada em vida. Sendo assim, o poema será apresentado na íntegra abaixo:

O morcego

*Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.*

*"Vou mandar levantar outra parede..."
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!*

*Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!*

*A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!
(Anjos, 1912)*

Partindo de uma análise histórica, percebemos que o poema de Augusto dos Anjos foi publicado no início dos anos XX, um período que foi de grande importância,

pois ocorreram muitas transformações no Brasil e no mundo (Zunin, 2001), conforme já citado anteriormente neste trabalho monográfico.

No meio artístico e literário, o país estava vivenciando o período Pré-modernista, que era caracterizado pelo sincretismo cultural e o desejo de romper com as tradições literárias dos tempos passados, visando explorar novas formas de expressividade.

Percebemos, no poema de Augusto dos Anjos, grande influência do Simbolismo, que foi um movimento literário que visava a linguagem subjetiva como expressão de sentimentos, buscando explorar o íntimo do ser humano, desvendando os mistérios da vida e da morte.

O poema exemplifica a originalidade e a profundidade da obra do autor, contendo características do Simbolismo com um estilo singular que o destaca na literatura brasileira. É um soneto composto por dois quartetos e dois tercetos, totalizando quatorze versos. (Buarque, 2015)

O poema explora vários temas, primeiramente, expressa a sensação de angústia e medo que permeia a existência humana, o morcego simboliza uma presença intrusiva e inescapável que invade a vida do eu lírico, refletindo um medo profundo e irracional.

A comparação do morcego com a consciência humana sugere que, por mais que se tente fugir de si mesmo, a consciência e a culpa são inevitáveis. Esse tema é reiterado nos últimos versos, nos quais a presença do morcego é comparada à invasão da consciência. Além disso, o quarto do eu lírico pode servir como um espaço simbólico da mente humana, com o morcego representando pensamentos sombrios e inquietantes.

O poema faz uso de imagens e simbolismos para transmitir suas ideias, o morcego, animal noturno, associado à escuridão e ao mistério, faz alusão a uma atmosfera de terror psicológico. A referência à meia-noite e à escuridão do quarto aumentam a sensação de desamparo e vulnerabilidade, reforçando a ideia de que a mente humana é um terreno fértil para inquietações.

A linguagem de Augusto dos Anjos contribui para a expressividade do poema, pois utiliza termos científicos, como "ardência orgânica", "goela", "ígneo" e "ventre", trazendo uma noção de "textura" única ao poema e misturando elementos de biologia com metáforas poéticas.

O poema contém um tom melancólico que reflete a intensidade emocional do eu lírico, com expressões como "meu Deus!" e a descrição da ardência e do escaldante molho na goela transmitindo uma sensação de desespero. A comparação do morcego com a consciência humana é uma poderosa metáfora que caracteriza o poema, mostrando a habilidade do poeta em transformar experiências psicológicas em imagens concretas. A frase "Vou mandar levantar outra parede..." expressa uma tentativa desesperada de se proteger da angústia. Semanticamente, sugere a construção de barreiras contra os próprios pensamentos ou medos, já a expressão "Ergo-me a tremer" indica medo físico e emocional, imagem de algo que se move circularmente sobre a "rede", alude a ideia de algo desesperador.

"O Morcego", de Augusto dos Anjos, quando analisado à luz da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, revela várias reflexões sobre a condição humana. A angústia existencial e a autoconsciência podem ser apontadas como as principais, Sartre (1987) define a consciência como algo que está constantemente ciente de sua própria liberdade e responsabilidade. No poema, pode ser interpretada como uma presença inquietante que não pode ser evitada. O eu lírico tenta se proteger dessa presença: "Vou mandar levantar outra parede...", mas percebe que, por mais que se esforce, ela sempre estará presente: "A Consciência Humana é este morcego!", conforme já discutido anteriormente.

Sartre (1987) também argumenta que a consciência é inevitável e que estamos condenados a ser livres, ou seja, a tomar decisões e lidar com suas consequências. O morcego, que entra de repente no quarto do eu lírico à noite, simboliza a mentalidade humana, que assim como o morcego mencionado no poema, é algo do qual não conseguimos fugir.

O poema expressa uma sensação de desespero com a realidade, temas centrais no existencialismo sartreano, a escuridão e a presença do morcego evocam um medo profundo, representando a angústia existencial que Sartre descreve. Essa mesma angústia surge da percepção de nossa liberdade e da ausência de um sentido pré-determinado na vida, o eu lírico se encontra em um estado de medo e inquietação, corroborando com a ideia de que a existência é marcada pela incerteza e pela necessidade de criar significados. No poema, a escuridão do quarto pode ser vista como uma metáfora para o vazio existencial, o morcego, movendo-se na escuridão, representa a consciência que surge desse nada, inquietando e perturbando o eu lírico.

Para concluirmos, a análise do poema "O Morcego", de Augusto dos Anjos, sob o ponto de vista do existencialismo de Jean-Paul Sartre, nos leva a temas ligados à consciência e à liberdade; o poema instiga o leitor a refletir sobre a natureza da existência e a complexidade da vida humana.

3.2 VERSOS ÍNTIMOS

O poema analisado nesta seção será "Versos Íntimos", que carrega consigo um tom catastrófico e inquietante sobre a perspectiva do eu lírico, publicado em 1912, no livro "Eu" de Augusto dos Anjos. Nesse passo, o texto será apresentado na íntegra a seguir:

Versos íntimos

*Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de sua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!*

*Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.*

*Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.*

*Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!
(Anjos, 1912)*

O poema "Versos Íntimos" reflete o contexto pessoal do autor, carregado de desilusões e amargor. A obra possui elementos do Simbolismo, relatando o contexto histórico e social que observamos segundo Zunin (2001): a economia brasileira, fortemente agrária, começava a se industrializar, trazendo consigo profundas transformações sociais e tensões entre as classes.

Rememorando que Augusto dos Anjos não se encaixa em nenhum dos movimentos da sua época, a poesia carrega um forte teor pessimista e existencialista, antecipando algumas das preocupações que, mais tarde, seriam exploradas pelo Modernismo. (Perez, 2024)

"Versos Íntimos" retrata uma visão profundamente pessimista da vida e da natureza humana. Esse pessimismo corrobora com a visão de mundo de muitos intelectuais da época, o que enfatiza a brutalidade da natureza; esse fato se reflete, portanto, na obra de Augusto dos Anjos.

O poema começa com uma imagem decepcionada do eu lírico: já chama a atenção do leitor ao empregar o imperativo "Vês", "Ninguém assistiu ao formidável / Enterro de sua última quimera." A "quimera" representa sonhos e ilusões, sugerindo que o eu lírico, perdeu suas esperanças. A "Ingratidão" é retratada de maneira a concretizar uma "pantera", que serve para dar forma e enfatizar o desgosto como algo palpável. A segunda estrofe sugere que o ser humano deve acostumar-se à "lama" que o espera, uma metáfora para a degradação moral e a inevitável imoralidade da sociedade, facilmente corruptível. A comparação dos homens com "feras" destaca a ideia de que a sobrevivência, muitas vezes, necessita de comportamentos brutais e imorais.

O poema prossegue com a mesma visão descrente das relações humanas: "O beijo, amigo, é a véspera do escarro, / A mão que afaga é a mesma que apedreja." Essas linhas sugerem que gestos de carinho são frequentemente seguidos por traição e agressão, retratando a desconfiança do eu lírico na bondade humana. Na última estrofe, o poema remete a uma resposta agressiva à dor e à traição: "Apedreja essa mão vil que te afaga, / Escarra nessa boca que te beija!", essa reação pode ser vista como um ato de antecipação da desilusão, que será sofrida. Esse é um dos poemas mais conhecidos do autor, novamente publicado como um soneto (Buarque, 2015), conforme muitas de suas composições. Vale ressaltar que Augusto dos Anjos escrevia sobre sua vida e mentalidade.

A partir da perspectiva da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, o poema "Versos Íntimos" pode ser interpretado como uma reflexão sobre a condição humana, a liberdade individual e a angústia existencial. O eu lírico enfrenta uma realidade na qual as ilusões foram destruídas, a liberdade de que Sartre (1987) fala pode ser vista na maneira como o eu lírico é confrontado com a verdade da existência, sem a possibilidade de escapar para ilusões que são mais confortáveis. A aceitação dessa liberdade é dolorosa e repleta de angústia, pautada, nesse caso, na necessidade de se acostumar com a "lama" e a convivência "entre feras". Essa convivência implica uma necessidade de ter comportamentos brutais para conseguir sobreviver; é uma metáfora para a responsabilidade individual de viver em um mundo com ausência de sentido.

Sartre (1987) pauta a angústia como uma sensação que está impregnada à liberdade e à responsabilidade. A recomendação citada anteriormente, para "apedrejar essa mão vil que te afaga" e "escarra nessa boca que te beija" é uma expressão de desilusão, mas também de reconhecimento da liberdade e responsabilidade de reagir a essa mesma desilusão. Sartre também explora a complexidade das relações humanas, frequentemente.

O referido poema reflete a ideia de que, em suas interações, os seres humanos tentam manipular uns aos outros; destaca a hipocrisia e o egoísmo nas relações, onde gestos de carinho podem se transformar em atos de agressão. A filosofia existencialista sartreana enfatiza que a essência do ser humano não é predefinida, mas criada através de suas ações. No poema, o eu lírico, ao rejeitar ilusões, está definindo sua própria essência através da aceitação, da verdade e da responsabilidade de agir em um mundo sem sentido, pré-estabelecido.

3.3 SOLITÁRIO

O poema analisado nesta seção será "Solitário" que carrega consigo um teor melancólico e introspectivo sobre a perspectiva do eu lírico, foi publicado em 1912, no livro "Eu" de Augusto dos Anjos. Nesse âmbito, segue o texto integralmente:

Solitário

*Como um fantasma que se refugia
Na solidão da natureza morta,
Por trás dos ermos túmulos, um dia,
Eu fui refugiar-me à tua porta!*

*Fazia frio e o frio que fazia
Não era esse que a carne nos contorta...
Cortava assim como em carniçaria
O aço das facas incisivas corta!*

*Mas tu não vieste ver minha Desgraça!
E eu saí, como quem tudo repele,
- Velho caixão a carregar destroços -*

*Levando apenas na tumba carcaça
O pergaminho singular da pele
E o chocalho fatídico dos ossos!
(Anjos, 1912)*

O poema "Solitário", de Augusto dos Anjos, publicado em 1912, durante o período Pré-modernista, faz referência às inquietações pessoais do poeta, e também retrata o contexto histórico e cultural da época, em que os artistas e intelectuais buscavam romper com as tradições dos movimentos literários anteriores, e explorar uma estética mais próxima da realidade em que viviam. (Bosi, 1994)

O poeta explora a solidão e a angústia existencial através de uma comparação do eu lírico a um fantasma que busca refúgio. As menções a túmulos, carniçaria e frio cortante, intensificam o tom funesto do poema, e sugerem uma visão singular sobre a vida e a morte. A imagem do "velho caixão a carregar destroços" pode ser vista como uma metáfora da condição humana diante das situações sociais e da chegada iminente da morte.

O poema "Solitário" contém grande complexidade literária, estruturado em sonetos (Buarque, 2015), o poema utiliza uma linguagem rica em simbolismos e

imagens vívidas. Desde o início, a atmosfera do poema é marcada pela melancolia, a escolha de palavras como "carniçaria" e "facas incisivas corta" intensifica o tom significativo do poema, retratando a dor e o desespero do eu lírico. Ademais, a repetição das palavras no verso, "Fazia frio e o frio que fazia" enfatiza o aspecto climático, e sugere um frio emocional que permeia toda a existência do poeta.

Augusto dos Anjos faz com que seus poemas adquiram sentimentos e até mesmo texturas, pois ele esforçou-se em tornar seus sentimentos palpáveis, levando o leitor a um patamar sentimental e interpretativo mais detalhado e complexo.

O eu lírico do poema se apresenta como um "fantasma que se refugia na solidão da natureza morta", uma imagem que evoca não apenas um isolamento físico, mas uma alienação espiritual. Essa solidão é central na filosofia existencialista sartreana, que enfatiza a experiência individual do ser humano diante do mundo, trazendo consigo todas as bagagens do ser e do pertencer, que ao mesmo tempo transformam-se em um grande vazio.

3.4 PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

O poema analisado nesta seção será "Psicologia de um vencido" que carrega consigo um tom cientificista e angustiante sobre a perspectiva do eu lírico, foi publicado em 1912, no livro "Eu" de Augusto dos Anjos, sua única obra lançada em vida. Assim sendo, apresentamos o texto a seguir:

Psicologia de um vencido

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.*

*Produndissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...*

*Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.*

*Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,*

*Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!
(Anjos, 1912)*

"Psicologia de um vencido", poema de Augusto dos Anjos, publicado em 1912, contém um sentimento de desencanto e pessimismo. O eu lírico relata estar preso em sua melancolia, resultado da influência maligna dos signos do zodíaco e de uma hipocondria que domina sua vida desde a infância, que podemos ressaltar como uma maneira de terceirizar a culpa por suas ações. Refere-se a si mesmo como "filho do carbono e do amoníaco" abordando um aspecto materialista da existência humana, no qual a condição biológica e química define sua essência.

As figuras macabras e grotescas ganham enfoque fúnebre; a referência ao verme que consome "o sangue podre das carnificinas", acrescenta uma percepção sombria ao poema. Augusto dos Anjos utiliza uma linguagem técnica e precisa, característica do Pré-modernismo para expressar suas preocupações existenciais de maneira macabra e pessimista.

Sendo assim, "Psicologia de um vencido" reflete as angústias individuais do eu lírico, e pontua as tensões e questionamentos de uma era de transição cultural e intelectual no Brasil.

Uma análise existencialista do poema, à luz de Jean-Paul Sartre (1987) leva a uma reflexão sobre a condição humana, envolta por temas centrais do existencialismo. O poema começa com o reconhecimento do eu lírico como "filho do carbono e do amoníaco", uma descrição que sugere uma visão materialista e científica da existência, alinhada à ideia sartreana, mostrando que o indivíduo não

possui uma essência pré-determinada, mas é definido por suas circunstâncias e pelo contexto em que se encontra.

A hipocondria profunda do eu lírico, retirando a culpa de si, é tida desde a infância e intensificada pelas influências negativas dos signos do zodíaco, refletindo a angústia existencial sartreana. Sartre (1987) argumenta que a consciência de nossa própria liberdade é de nossa responsabilidade diante das escolhas, o que corrobora com o poema, visto que o corrompimento existe, porém, o eu lírico atribui a terceiros.

A repugnância do eu lírico pelo ambiente ao seu redor e a ânsia física comparada à de um cardíaco, são expressões do desconforto e da alienação que frequentemente acompanham a condição humana sob a ótica existencialista. A imagem do verme, "este operário das ruínas", que consome a carne morta e deixa apenas os cabelos na terra inorgânica, retrata a morte. Sartre (1987) enfatizou que a consciência da morte é crucial para a compreensão da liberdade humana.

3.5 ANÁLISE DA MORTE QUASE FINITA

Após analisar os referidos poemas, percebemos o reconhecimento do autor pela famosa expressão "poeta da morte".

Ao analisarmos a obra de forma literária percebemos o sincretismo cultural presente no movimento pré-modernista, o qual pertencia o autor, o protagonismo do ser e de suas incertezas, trazidas ao leitor com descrições detalhadas que que partiram para além da interpretação e atravessaram o sentir.

Percebemos nos poemas analisados pontos congruentes, em relação a época em que pertencem, aos fatores sociais diretamente associados ao cenário pessimista, conforme ressaltamos no primeiro capítulo deste trabalho monográfico.

Os quatro poemas analisados possuem características desesperançosas, que nos levam à filosofia de Jean Paul-Sartre, o cunho existencialista está presente em todas as expressões solitárias, confusas e que remetem a culpa sentida pelo eu lírico.

Nesse sentido, para a conclusão deste capítulo, podemos ressaltar e confirmar que nos poemas analisados há menção à morte. Os poemas de Augusto

dos Anjos revelam um universo poético marcado por intensa melancolia, questionamentos existenciais e um profundo mergulho na condição humana diante de suas angústias e incertezas. Ao explorar temas como a morte, a solidão, a inconstância das relações humanas e a ausência de sentido na vida, o poeta construiu um cenário sombrio e incomum.

Assim, os poemas de Augusto dos Anjos refletem as inquietações pessoais do poeta, e ecoam as preocupações de uma época de transição cultural e intelectual no Brasil, explorando a condição humana de maneira profunda e através de uma linguagem poética e intrigante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho monográfico, a obra de Augusto dos Anjos foi abordada a partir de uma análise semântica, visando traçar um paralelo com a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre.

O objetivo de situar o leitor no método comparativo utilizado foi atingido de forma fundamentada e coesa, conseguimos apontar pontos convergentes que aliados semanticamente nos levaram ao objetivo principal.

A análise demonstrou que a literatura e a semântica estão intrinsecamente ligadas à filosofia, sendo essenciais para compreender a mentalidade dos indivíduos no século XX. Através da análise de quatro poemas do autor brasileiro Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos: “O Morcego”, “Versos Íntimos”, “Solitário” e “Psicologia de um Vencido”, verificamos que o pessimismo latente do autor corroborou com a filosofia sartreana, levando-nos a refletir sobre a existência, a vida e a morte, questões intrinsecamente humanas e angustiantes.

A contextualização histórica, realizada no primeiro capítulo, revelou os principais acontecimentos e situações que impactaram o pensamento e a produção artística dos filósofos e artistas da época, incluindo Augusto dos Anjos. Na segunda seção, exploramos a filosofia do início do século XX, destacando seu caráter pessimista e reflexivo, alinhado com a literatura do poeta.

Na terceira seção, abordamos a literatura brasileira do século XX, especialmente o movimento Pré-modernista ao qual Augusto dos Anjos pertenceu. Identificamos seu esforço em contrariar os movimentos literários anteriores, utilizando uma linguagem coloquial para expressar sentimentos. A quarta seção destacou a importância da semântica como ferramenta interpretativa, essencial para analisar os termos escolhidos pelo poeta.

O segundo capítulo proporcionou uma visão abrangente sobre a vida de Augusto dos Anjos, desde sua infância até sua morte precoce, aos trinta anos. Examinamos as características de sua obra e os fatores que o tornaram um dos poetas mais singulares de sua época. A última seção desse capítulo discutiu as características fúnebres que permeavam sua vida e obra.

No último capítulo, dedicamo-nos à análise dos poemas, implementando a proposta inicial do trabalho. Observamos aspectos relevantes que permitiram traçar

um paralelo coerente entre a poesia de Augusto dos Anjos e a filosofia existencialista.

As hipóteses iniciais foram confirmadas: a obra de Augusto dos Anjos reflete influências diretas da filosofia existencialista do início do século XX, especialmente de pensadores como Jean-Paul Sartre. A análise semântica dos poemas revelou o uso de linguagem coloquial e termos não convencionais para expressar sentimentos melancólicos e existenciais. Além disso, a contextualização histórica evidenciou que os eventos e situações significativas da época influenciaram a produção literária do poeta.

A vida pessoal de Augusto dos Anjos, marcada por perdas familiares e um profundo sentimento de melancolia, foi uma fonte de inspiração para a temática fúnebre e a visão pessimista em sua obra. Essa relação entre as experiências pessoais do autor e sua produção artística foi explorada com sucesso.

A análise detalhada dos poemas "O Morcego", "Versos Íntimos", "Solitário" e "Psicologia de um Vencido" revelou traços comuns que estabeleceram paralelos claros entre a poesia de Augusto dos Anjos e os princípios fundamentais da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre.

A justificativa para este trabalho monográfico partiu de um interesse pessoal por obras não convencionais, cuja expressão de sentimentos é mais vívida e complexa. A identificação com a obra de Augusto dos Anjos facilitou a compreensão e a análise, auxiliando na inserção da mentalidade do poeta. A filosofia presente no trabalho refletiu um antigo entusiasmo pelos questionamentos e maneiras de enxergar a vida humana e seus anseios: a convergência do desespero.

Os fatores mencionados corroboraram com os anseios pessoais e alicerçaram este trabalho nas diferentes áreas de estudo, alcançando os objetivos propostos, podendo visar futuramente um aprofundamento na área de estudo linguístico alicerçado à uma corrente de pensamento que melhor fundamentará as proposições.

REFERÊNCIAS

ANJOS, A. dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

ARAUJO, Jean. **O Pré-modernismo**: a luta entre passadistas, modernos e modernistas no campo artístico brasileiro. *Pensares em Revista*, São Gonçalo, RJ, n. 11, p. 117-134, jul.-dez. 2012. Disponível em: <https://pensaresemrevista.com.br/index.php/revista11/article/view/177>. Acesso em: 05 de jun. 2024.

BLANC, Mafalda de Faria. **Estudo sobre o Ser**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUARQUE, Jamerson. **Soneto Como Variação Fixa Formal**, *Revista Texto Poético*. ISSN: 1808-5385 | Vol. 19. 2015.

FRAZÃO, Dilva. **Jean-Paul Sartre**. eBiografia, 16 maio 2023. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jean_paul_sartre/. Acesso em: 17 jun. 2024.

LISBOA, Camila. **Introdução ao existencialismo**: perspectivas literárias. *Revista Internacional de Filosofia*, v. 7, n. 2, p. 254-267, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/problemata/article/view/2498>. Acesso em: 16 jun. 2024.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Poesia e vida de Augusto dos Anjos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

NEVES, D. **Escravidão no Brasil**. Brasil ESCOLA, 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso em: 05 jul. 2020.

PEREZ, L. C. A. **Augusto dos Anjos**. Português. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/augusto-dos-anjos.html>. Acesso em: 5 jun. 2024

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **A Idade da Razão**. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Nova Fronteira, 1987.

_____. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de Vergínia Leone Bicudo e Paulo Perdigão. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SOUZA, Ayanne Larissa Almeida de; SILVA, John Wayne André da. **Conceito de Liberdade na Filosofia de Jean-Paul Sartre**. Revista Científica do UniRios, 2020. Disponível Em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2020/25/o_conceito_de_liberdade.pdf. Acesso em: 24 mai. 2024.

TRUJILLO, A. M. **Semântica Pragmática e Tradução**. Revista InterteXto, Uberaba, v. 5, n. 2, 2013. DOI: 10.18554/ri.v5i2.238. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/238>. Acesso em: 5 jun. 2024.

ZUNIN, João Carlos Soares. **A crise da modernidade e o papel dos intelectuais na Primeira Guerra Mundial**. Estudos de Sociologia, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/412/1210>. Acesso em: 15 de mar. 2024.